

42º Encontro Anual da ANPOCS

SPG 37 Religião, mídias e políticas

“Só quem dá a benção aqui é a doutora cigana!”: a comemoração do Dia Nacional do Cigano e de Santa Sara Kali na gruta de Ipanema no Rio de Janeiro.

Cleiton Machado Maia¹ e Ana Paula de Souza Campos²

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Bolsista FAPERJ Nota 10.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Bolsista CAPES.

O dia 24 de maio de 2017 ocorreu em uma quarta-feira, um meio de semana comum na cidade. O sol estava fortíssimo e mesmo assim o início do evento foi marcado para as onze horas da manhã. O trânsito lento foi bom para fotografar os lambe-lambes que enfeitavam, sempre muito coloridos, o percurso entre Vila Isabel até Ipanema. Na Rua da São Francisco Xavier os lambe-lambes, com o anúncio “Tarô e Carta cigana”, estavam colados intercalando os postes em todo o seu percurso. Na Avenida Presidente Vargas os imensos lambe-lambes de “Cartas cigana e magia cigana” prometiam soluções para problemas no amor e nas finanças. E eles permaneceram colados na via durante o ano todo. A imagem da Maria Mulambo, em proporção humana, por exemplo, continuava a enfeitar a encruzilhada da rua Heitor Carrilho com a rua Frei Caneca, como faz há mais de uma década.

Após descer do ônibus comecei a minha caminhada até o local. Durante o percurso fui surpreendido por um último lambe-lambe, diferente de todos que já havia fotografado e novo no percurso até a praça. A arte era em preto e branco e estava colada em um poste cinza da rua Siqueira Campos, logo em frente ao supermercado Mundial, com o seguinte dizer: “Só Jesus expulsa a cigana das pessoas”. Apesar de não ter exclamação, a frase parecia gritar no poste, na fotografia e na minha cabeça durante o fim de minha caminhada.

O evento ocorreu na praça Garota de Ipanema, em frente ao monumento à Millôr Fernandes e à pedra do Arpoador, nos limites entre as praias de Ipanema e Copacabana. Conheci o local ainda durante o meu campo de mestrado, convidado pelos médiuns da Tenda e desde o ano de 2014 venho acompanhando o evento em comemoração ao “Dia Nacional do Cigano” e à “Santa Sara Kali”, que ocorre todo ano no dia 24 de maio e a “Corrente da Paz de Santa Sara Kali”, evento que ocorre mensalmente nos dias 24 às 16 horas no mesmo local. Os eventos são promovidos pela Fundação Santa Sara Kali, a qual a cigana Miriam Stanescon é a fundadora e presidenta. A cigana brinca com o título quando se autoreferencia e após a posse da então presidenta Dilma Rousseff fazia questão de lembrar em seus eventos mensais “Sou *presidenta* da fundação, a nossa presidenta pode, por que eu não posso?” fazendo referência à polêmica que estampava as manchetes dos jornais após a eleição da primeira presidente mulher no país. E como diz a cigana: “foi a primeira mulher em nossa história a ter o direito de ser chamada assim”.

Já estive na praça em outros dias ou no dia dos eventos pela parte da manhã, onde normalmente a praça fica lotada de moradores em situação de rua. Muitos dormem nos jardins da praça, nos

bancos e dentro da gruta, onde está fixada a imagem da Santa Sara Kali. Poucas vezes visualizei agentes de segurança no local nos demais dias. Os eventos sempre ocorrem no fim da tarde e avançam a noite, contam com a infraestrutura e apoio da prefeitura como a luz e segurança e em algumas edições a comemoração contou com um palco, aparelhagem de som e luz. Estive presente nas edições que ocorreram entre os anos de 2013 e 2017, um dos anos mais vazios desde o início de meu campo. Um dos anos em que o evento teve dimensões grandiosas foi o de 2014, neste ano foi colocado um palco, som e luz da prefeitura e imagens de um cigano e uma cigana com mais de três metros de altura oriundas de um carro alegórico da escola de samba Beija Flor de Nilópolis no ano anterior e que nas palavras da cigana Miriam Stanescon “iriam para o lixo”, mas ela os solicitou para ornamentar a festa. Até o ano de 2017 objetos como as moedas de ouro cenográficas utilizadas no carnaval foram reutilizadas e resignificadas na decoração da praça.

Cheguei atrasado e não consegui encontrar nenhum dos meus interlocutores: Loralaine Stanescon e Lhuba Stanescon filhas da cigana e o casal Carliane Sandes e Luan Martins, devotos de Santa Sara Kali que fazem parte da Fundação Santa Sara Kali (FSSK). No encontro do mês anterior estive na praça e conversei com Lhuba Stanescon, filha mais velha da cigana Miriam Stanescon e que vem tomando a frente da organização e da infraestrutura dos eventos, dividindo o microfone e holofotes com sua mãe. Lhuba sempre foi muito simpática e como sempre convidou-me para chegar mais cedo e acompanhar a preparação desde o início. Lembrou que aquele ano tinha o prefeito novo e fez questão de destacar a possibilidade da sua presença:

“Ele pediu para um assessor sondar a visita dele aqui na praça no ano passado, eu disse que sim e não tinha problemas, era só ele tomar o passe das ervas e depois ele poderia falar no microfone. Ele não veio no ano passado, durante a campanha, quero só ver se ele vem esse ano”.

Confesso que apesar de não querer deixar transparecer, perguntava-me a mesma coisa. Durante os anos de 2013 a 2017 a comemoração contou com a presença de alguns políticos da cidade do Rio de Janeiro, além de convidados incomuns. O Deputado estadual Carlos Minc, a vereadora Maria Laura Carneiro, o babalaô Ivanir dos Santos e o carnavalesco Fran Sérgio são nomes que dividiram o palco e compartilharam do microfone em comemorações anteriores. No ano de 2014, após participar do desfile de carnaval na escola Beija Flor de Nilópolis, o carnavalesco da escola

Fran Sérgio³, que desfilou com o tema “Ciganos”, contou com a presença da cigana chamada de “rainha dos ciganos” e a diretoria da escola. No evento o carnavalesco trajou a mesma roupa que usou na comemoração no ano em que compareceu a praça.

A praça e a cidade em 2017: ciganos, tendas, a gruta e o palco

O parque garota de Ipanema tem 2, 58 hectares e dois portões de acesso, um que dá acesso a rua Francisco Otaviano e o outro que está localizado no posto 7 da praia de Ipanema, de frente para o mar. É nesse local onde está localizada a gruta de Santa Sara Kali, a região central da praça onde a festa é preparada. A gruta tem aproximadamente 50 m² e durante os outros dias do mês serve como abrigo para moradores em situação de rua e por isso sempre está cheia de lixo e fedendo. A imagem da santa mede oitenta centímetros e está fixada no interior da gruta onde a formação natural da pedra lembra um altar. Logo em baixo uma pedra forma um grande mezanino e durante as manhãs dos dias 24, Miriam, suas filhas e voluntários da FSSK limpam e enfeitam o local que se tornou um importante lugar de comemoração e, desde 2006, vem ganhando destaque na esfera pública da cidade.

Ao tratar a esfera pública coadunado com a abordagem de Paula Monteiro (2012) sobre o assunto. Desse modo pretendo usá-la como categoria analítica, tornando possível visibilizar as relações entre sujeitos, seus discursos e formas de construir abstratamente um modelo na rede de circulação de categorias. Pretendo, assim, compreender a dinâmica dos processos de produção de legitimidade. Existem implicações teóricas implícitas nessa formulação de análise. Logo, ao pensar o espaço público:

“a) estamos considerando que a legitimidade de um agente ou instituição não é uma qualidade inerente, mas o resultado de uma dinâmica simbólica que é preciso descrever;

b) os processos de legitimação ganham visibilidade social quando se cristalizam em algumas categorias de ampla circulação. Desse modo, compreender como as categorias circulam se torna estratégico para compreender os processos de legitimação.” (MONTEIRO, 2012)

Para a autora a legitimidade “não é pensada como uma qualidade dos sujeitos, mas como a resultante de um processo discursivo” (MONTEIRO, 2012). Assim, “o mapeamento das

³ Reportagem: Carnavalesco da Beija Flor festejou aniversário em clima cigano. Disponível em: <http://tudodesamba.com.br/carnavalesco-da-beija-flor-festejou-aniversario-em-clima-cigano/> Acesso em 13 de março de 2018.

controvérsias se torna um instrumento útil para a compreensão dessa dinâmica” (MONTEIRO 2012, Pág. 187). Dessa forma, a praça, a sua arrumação, os ciganos presentes e as variadas redes acionadas por eles em seus discursos e rituais serão objeto de minha análise.

A arrumação da gruta não consiste somente na limpeza, a parte interna tem o seu chão coberto com areia da praia, o teto da gruta é enfeitado com estrelas recortadas em papel cartolina metalizado⁴. Após a arrumação o espaço é benzido pela cigana e cercado com grades da RIOTUR, os voluntários auxiliam os devotos e médiuns no depósito das oferendas e presentes como cestas de frutas, bebidas, flores, pão, bolo, leques, lenços, taças, moedas, pandeiros, fitas, castanholas e bijouterias. A iluminação é feita com uma luz indireta, colocada atrás da imagem da santa, iluminando o altar e mezanino. A outra parte da iluminação é feita pelas velas trazidas e acesas, como os incensos cravados na areia do chão.

A praça, naquele ano, tinha nove tendas organizadas em semicírculo, todas as tendas tinham uma decoração bem parecida, os mesmos tecidos com paetê em vermelho, amarelo e azul e um banner com mais de um metro contendo a impressão de fotografias antigas de Miriam Stanescon, da cigana com a sua família e do seu casamento. Muitas dessas fotografias já me eram conhecidas, pois as vi publicadas em seu livro, nas redes sociais e até em grupos de Whatsapp já havia recebido as mesmas imagens. Na primeira barraca, uma solitária cartomante embaralhava suas cartas e se escondia do sol sob a placa da RIOTUR⁵, simpática ofereceu seu serviço e assim como todas as cartomantes entregou-me o seu cartão de visita. Entre os cartões de cartomantes no evento, alguns eram mais simples contendo só o nome da atendente e seus serviços como cartomancia, baralho cigano, tarô, oráculo, búzios e orientação espiritual e outros mais sofisticados trazendo o nome da atendente como Maria Padilha ou Rainha das Sete Encruzilhadas, indicando também o espaço de atendimentos na Tenda Espírita de Umbanda vovó Cambinda D’Aruanda para consultas futuras.

A segunda barraca, uma das maiores, era de comidas e doces, com comidas vendidas em festa de rua e em festa religiosas como bolos, salgadinhos, cocadas, caldos e feijão. Decorando o

⁴ Em diferentes oportunidades foram utilizadas as cores dourada, prateado, amarelo, azul e vermelho na decoração.

⁵ A Riotur - Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. é o órgão da Secretaria Especial de Turismo da cidade do Rio de Janeiro encarregado pela execução da política de turismo traçada pela administração municipal. A empresa foi criada pela Lei 2079 em 14 de julho de 1972, como Riotur S/A - Empresa de Turismo do Estado da Guanabara. Seu primeiro presidente foi Aníbal Uzeda de Oliveira. A Riotur é a principal organizadora do carnaval do Rio de Janeiro e também uma das principais financiadoras da LIESA desde sua fundação em 1984.

ambiente, entre o caixa e as estufas que exibiam os produtos, foi montado um altar com uma pomba-gira cigana vermelha e um cigano de blusa amarela, calça dourada e muitas moedas de ouro, além de três cristais e um incensário. A terceira e quarta barraca vendia objetos variados como a bandeira cigana, rodas de carroça, fitas, pandeiros, pequenas imagens de santa sara, de ciganos e ciganas, diversos baralhos ciganos, diversos jogos de tarô, roupas ciganas, saias coloridas etc.

Ao centro do semicírculo estavam as duas tendas destinadas a Miriam e seus produtos, a tenda menor foi colocada ao lado da aparelhagem de som, dos holofotes, e um banner anunciando o “Show do Cristian Kalon – Com o Apoio Cultural Gruta de Santa Sara Kali, reuniões todo mês às 16 horas no Arpoador”. Na parte de dentro da tenda, cercada pelas placas, estavam poucas cadeiras e uma mesa decorada em vermelho e dourado. Atrás estavam pendurados três banners com fotos da cigana, dois com seu marido em seu casamento e outra em outro momento, mais velha e com sua falecida mãe.

A segunda barraca destinada à cigana era, sem dúvida, a maior do evento e se destacava por possuir uma enorme lona vermelha em sua cobertura e como se não bastasse a tenda carregava o assertivo título: “Caldo de Cultura”. Os vários produtos a venda faziam a tenda a mais movimentada do evento, com sete mesas lotadas de produtos e ao menos dez pessoas ajudando com as vendas. A decoração da parte interior possuía as mesmas cores e padrões, os banners com fotos antigas, mas em especial três fotografias mais recentes ganhavam destaque: as duas primeiras eram respectivamente de Miriam Stanescon com o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e com a ex-presidenta Dilma Rousseff. Em ambas a cigana está entregando uma imagem de Santa Sara Kali nas mãos dos presidentes. A última imagem é bem recente e belíssima, em um ritual na praça onde a cigana aparece em primeiro plano com a gruta e a imagem da santa ao fundo. A imagem estava sobre a mesa como em um altar, emoldurada e com algumas lembrancinhas colocadas à frente, três cestos continham fitinhas com os dizeres “Santa Sara Kali – FSSK”, medalhinhas douradas de plástico da santa e um santinho da santa com a oração em português e romani, que poderiam ser retiradas gratuitamente pelos frequentadores. Aliás, essas eram as únicas coisas gratuitas na tenda.

Em minhas fotografias o que mais se destoou foram as velas, não só pela quantidade, mas também por suas cores e seus mais variados tamanhos. Um desses produtos era o “Kit cigano

contra feitiço”, a embalagem explicava que o produto era “contra praga, olho grande, inveja e feitiço, por apenas 15 reais”. O manual explicava o ritual para “liberte-se de feitiço em 21 dias” passo a passo. O “kit”, assim como todos os produtos, possuía uma foto dos olhos da própria cigana com o nome escrito em letras maiúscula “CIGANA MIRIAM STANESCON”. A embalagem trazia a opção de “consultas com hora marcada”. Uma mesa começou a ser posta no centro da tenda e quatro imagens de Santa Sara Kali foram colocadas bem no meio. As imagens foram trazidas respeitosamente uma a uma, do carro até o centro da tenda. A última imagem foi trazida por Lhuba Stanescon que havia entrado com um carro e estacionado no meio da praça, após supervisionar a retirada das imagens comentou “sempre viradas de frente, olha o respeito”. Depositou as imagens sobre a mesa e reconheceu-me, acenou para a foto, e disse que logo viria falar comigo.

Continuei a observar outro pacote de vela branca que era vendido com imagem de Santa Sara Kali na frente e no verso a foto de Miriam era acompanhada de uma oração de Santa Sara Kali em português e romanês. A embalagem tinha um número de telefone 0900 para “consultas ao vivo com ciganas de verdade, disque e mude para melhorar o rumo de sua vida”. A arte utilizada na santa chamou-me a atenção, é a mesma que faz parte do livro escrito pela cigana chamado “Cartas ciganas – o verdadeiro oráculo cigano”. O livro vem acompanhado de um jogo de baralho e muitas dessas imagens eram reutilizadas em vários produtos com uma mesma marca ou selo, chamado *Rorarni*, além dos olhos e nome da cigana que estão presentes em todas as estampas. E eram essas imagens que me chamavam a atenção, principalmente porque horas antes, havia as fotografado em lambe-lambes da Avenida Presidente Vargas. Em uma entrevista Mirian fala de suas publicações:

“Como escritora, Mirian já publicou um livro sobre o baralho cigano, usado nas adivinhações, e têm prontos mais dois: uma compilação de provérbios e sabedoria cigana e a história de Santa Sara Kali, padroeira de seu povo. No momento, está trabalhando em uma obra sobre culinária cigana e outra sobre raízes e ervas com poderes curativos. ‘Eu tenho que deixar esse legado para o meu povo e para vocês mesmo. E o que eu escrever ali não vai ter bibliografia não, foi tudo o que eu ouvi, que eu vivenciei na barraca. Certo ou errado, é a realidade cigana.’” (Trecho de entrevista de Miriam Stanescon concebida a Revista Babel)

Lhuba apareceu e logo sorriu, ainda arrumando o manto da imagem e disse: “foram confeccionadas para a festa, foi a minha mãe quem fez”, as imagens eram recém pintadas, decoradas com um vestido azul, um manto vermelho com detalhes em dourado, a ponta do

manto era toda bordada com moedas douradas. Assim que ficou desocupada Lhuba veio em minha direção e entregou-me em crachá de “colaborador” e disse: “agora você pode ficar do outro lado da grade e fotografar”, antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta a cigana continuou sua fala apontando para a sua irmã mais nova, uma das que a acompanhava naquele momento: “vamos à nossa casa trocar de roupa e voltamos”.

As irmãs saíram, e enquanto aguardava o retorno de toda a família, comprei o livro, que estava em *promoção* por 80 reais e além do baralho, vinha um CD chamado “Raízes Ciganas”, todos com a marca Rorarni. O livro “Cartas ciganas – o verdadeiro oráculo cigano” tem a capa ilustrada com uma fotografia da própria autora com um vestido cigano vermelho, sentada sobre os joelhos, a saia rodada parece uma mesa posta sobre o chão. Na foto a cigana usa muitas jóias douradas e um véu cheio de adereços e moedas. A sua mão esquerda repousa em seu joelho e a aliança é a única jóia com destaque. Na sua mão direita a cigana segura um conjunto de cartas, todas por revelar, e o verso das cartas é a mesma arte de Santa Sara Kali presente em vários produtos e objetos com a marca Rorarni, e acima da foto da cigana apresentam-se sete cartas. A marca pertence à cigana e o significado da palavra em romani equivale a “princesa”. Após comprar o livro, descobri que essas cartas são: a “cigana da sorte”, o “chefe cigano”, a “roda da sorte”, a “velha mãe *patriarca*⁶ rainha”, as “sete chaves do destino”, “os sete caminhos” e a “alegria cigana”. A própria fotografia que ilustra a capa do livro é a representação de uma das cartas, a carta “Cigana da sorte” descrita no livro como uma “mulher casada, total conhecedora da magia cigana, responsável pela família e comunidade, é a ‘mãe, e o amor’”.

Outro produto que adquiri foi o CD “Raízes ciganas”. O álbum contém 12 faixas e dessas faixas 10 são músicas de domínio público, descritas como “músicas do folclore cigano”. O repertório, direção, produção, idealização e realização são de autoria da cigana, que também faz uma participação nos vocais em mais de uma faixa, com a sua filha mais velha. O violinista Allyrio Mello Jr, compõe a ficha técnica do CD. O encarte do CD possui um breve texto explicando os motivos que levaram a escolha das faixas. A autora narra como as músicas exaltam a “beleza da uma mulher cigana, a alegria dos ciganos, os dramas ciganos, os romances e os provérbios para jovens ciganos” e no mesmo texto explica a origem das duas músicas inéditas que completam o

⁶ Grifo meu.

repertório: a primeira é intitulada “Valsa do Papu (Avô)”, composta por seu avô Ruita Stanescon para o casamento de um tio:

“Busquei, nas reminiscências do meu ser, tudo que a memória pudesse me passar. Voltei aos sete ou oito anos, quando, pela primeira vez, ouvi a Valsa do Papu (vovô) tocada por meu avô em sua sanfona lá em Mesquita, no Rio de Janeiro. Retirei meu acordeão, há anos esquecido num canto da casa da minha mãe e consegui tocar a valsa do meu avô. Foi um momento mágico, único. Em fração de segundos, afloraram dentro de mim as músicas que ouvia nos meus tempos de menina no acampamento e consegui executar no meu pobre acordeão. Músicas do meu avô, bisavô, tataravô e outros velhos ciganos, músicas como: Kolompire, Pocotiare, Milena, Me Kamalto e etc. Parecia um sonho”. (Encarte do CD).

Em seus encontros mensais na gruta Mirian contou sobre o novo projeto que já estava colocando em andamento, explicou que estava cansada de ler bobagens sobre a culinária cigana, citou o próprio livro explicando o que descreveu como pertencente a “nossa culinária como o siviaco, bocolhia vastiengo, libanitza, e manro romano, não faltavam em sua mesa, sem esquecer-se da Varenia (geleia de jabuticaba) que ela se orgulhava em preparar” e por isso resolveu escrever um livro. Segundo Miriam, a decisão foi tomada por ela: “sonhei com os pratos que minha mãe e avó cozinhavam, acordei no meio da noite e comecei a prepará-los, raiei o dia cozinhando e anotando todas as receitas, quando todos acordaram a mesa estava posta e lotada de comida, principalmente o doce de jabuticaba da minha avó”.

Já passavam das 16 horas, a música e a luz da praça já estavam ligados, assim como a iluminação interna da gruta, a região com areia estava tomada por oferendas, velas e incensos. O teto estava enfeitado com “Mais de mil estrelas douradas”, número repetido pelas irmãs Lhuba e Loralaine com o dos “mais de cinco mil pãezinhos” embrulhados para distribuir durante o ritual. A confecção desses objetos, a restauração da imagem na praça, a pintura das santas feitas para os eventos são publicadas nas redes sociais pelas ciganas durante a semana que precede o evento. Já começava a anoitecer, e eu fotografava uma pequena fogueira que havia sido preparada em um pequeno descampado em frente à gruta que estava protegida por placas da RioTur, a fogueira seria utilizada mais tarde no ritual para queimar o incenso.

Com o cair da noite o volume de pessoas fotografando e tirando selfs em frente à gruta aumentou, o público é majoritariamente formado por mulheres, começou a invadir a região demarcada pelas placas e pisar nas oferendas. Lhuba apareceu repentinamente advertindo: “Não pode pisar aí, é lugar sagrado, está benzido”, chamou ajudantes da FSSK identificados com

crachás e recolocou as placas no lugar, desfazendo o caminho aberto. O tumulto foi interrompido por um tumulto maior ainda, pessoas indicavam para o meio da praça e sussurravam “olha o Marcos Frota, o do circo”. O ator participou de novelas na Rede Globo e dirige a Universidade Livre do Circo (UNICIRCO), concebida pelo ator, onde desenvolve programas e ações artísticas, sociais e pedagógicas circenses. Ali na praça o ator estava fotografando e sendo fotografado.

Quase que ao mesmo tempo o carro que trazia Miriam Stanescon entrou na praça pelo portão frontal. O sedan preto foi recebido com fotos, palmas e flash. Fui em direção ao carro, a porta foi aberta pelo ator Marcos Frota, a cigana demonstrou-se surpresa e feliz, beijo-o no rosto, se abraçaram e conversaram carinhosamente. Em seguida o ator se afastou e começou a bater palmas, imediatamente os presentes acompanharam as palmas enquanto Miriam e suas filhas saíam do carro, o ator ficou tirando fotos e repetindo “ela é maravilhosa, linda!”. Após sair do carro a cigana deu a mão a sua filha mais velha Lhuba e seguiu direto para a gruta. Lá sua filha mais nova, Lorahlaine, apareceu com um balde simples de alumínio, ornamentado com cetim amarelo. Dentro havia um molho de ervas amarrado com uma fita vermelha e água do mar. Sozinha, a cigana caminhou em meio às oferendas e parou em frente à imagem, começou um bilabiado e conversou com a santa, depois pegou o balde com ervas e benzeu as oferendas e a gruta em todas as direções. Como acontece em todos os encontros em Ipanema ou em outros eventos que a acompanhei durante os últimos anos como as premiações e a caminhadas contra intolerância religiosa, a cigana sempre está com um longo vestido e véu⁷.

Os vestidos são sempre longos e bordados e aparentam ser pesados, pois a cigana movimentava-se de maneira comedida. O véu tem o comprimento que ultrapassam as próprias mãos, todas as peças são extremamente bordadas com pedras e cristais. Em 2017 o vestido da ocasião era branco e com flores bordadas em várias regiões, em especial a cigana usava o esmalte da mesma cor das flores bordadas no vestido. As joias como anéis, cordões, brincos e pulseiras de ouro compõem o visual, mas é a tiara sobreposta ao véu, como uma coroa, que ganha destaque.

Após benzer a gruta, acompanhada das filhas, caminhou em direção à barraca principal em frente ao palco que iria ocorrer a comemoração. As pessoas acompanharam o movimento em direção à

⁷ A cigana sempre está vestida com um longo vestido e um véu na mesma cor, as variações de cores que fotografei nos últimos anos foram vermelho, azul, branco, verde e dourado, muito próximas as cores utilizadas na decoração das festas.

barraca principal e Miriam se posicionou de frente para a multidão com o microfone em mãos para falar com todos pela primeira vez. Entre a cigana e a multidão somente a fileira de grades RIOTUR separava quem iriam falar ao microfone de quem observava, fotografava e fazia vídeos do evento. Os celulares estendidos por mãos no meio da confusão impressionavam-me, não conseguia identificar a que corpo os braços estendidos com os aparelhos pertenciam no evento. De dentro da barraca observei que a luz do evento era bem forte, mas estava mal posicionada, os holofotes estavam próximos da barraca, o que aumentava o calor e a luz da tenda, o lugar estava extremamente quente e claro. Lhuba estava reparando esse erro e posicionando a luz sobre sua mãe naquele momento e, mais tarde, no palco.

A voz rouca da cigana ecoou nas caixas de som pela primeira vez. Miriam Stanescon tem uma voz bem singular e apesar do hábito de fumar ser uma das únicas coisas que a faz parar durante a comemoração, a justificativa para o som de sua voz já foram várias, “estou saindo de um resfriado”, “estou entrando em um resfriado”, “estive doente” ou “estou dente” são uma das primeiras coisas que comenta após cumprimentar os presentes. Ao microfone a sua viúves foi tratada como a grande dificuldade enfrentada em continuar a tarefa mensal de estar à frente no dia 24 na “Cruzada Mundial Pela Paz”. As fotografias que adornavam a comemoração serviam para lembrar seus amados falecidos, a sua mãe e agora o seu marido e companheiro. Mas era no nascimento do seu neto que diz “encontrar forças para continuar” e anunciou ao microfone “ele já está chegando!”, referindo-se à criança.

A Dra. e cigana Miriam Stanescon

A maioria dos ciganos que acompanhei demonstraram interesse em saber quais eram os outros ciganos com quem eu estava conversando e acompanhando. Por muitas vezes percebi que ficavam surpreendidos com a minha presença em locais que não entediam como eu havia sido chamado. Os sustos, o ato de não convidar-me, a displicência ao esquecer o convite propositalmente, endereços incompletos, confirmação de datas e horários que nunca chegaram,.. Tudo isso foi importante para compreender como lidar com o que queriam mostrar ou não, os eventos que queriam, ou não, se mostrar foram importantes para compreender como as relações são estabelecidas por eles. Outro jogo que fui inserido foi o das proibições e acusações, frases como “não se deve falar com” determinado cigano e “x” “não é cigano” foram constantes. Dentre a mais comentada e conhecida é a cigana e Dra. Miriam Stanescon.

A cigana Miriam Stanescon Batuli De Siqueira é bacharel em direito e tem orgulho de declarar-se a “primeira cigana bacharel em direito no Brasil⁸” ou a “primeira Dra. cigana no Brasil⁹, conquista realizada nos anos de 1990 na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Miriam é cartomante, presidenta da Fundação Santa Sara Kali (FSSK) e ex-Conselheira da Comissão de Direitos Humanos da OAB/RJ, Delegada da Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ, Membro do GT de Enfretamento a intolerância e Discriminação Religiosa e Promoção dos Direitos Humanos – Superintendência de Direitos Individuais da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH) - e foi representante cigana na Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) do Estado. Fez parte do Coletivos e Difusos da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos – RJ e foi indicada a receber o título de embaixatriz da paz pela UNESCO em 2003¹⁰. Começou a sua militância com ciganos nos anos 1990, mesmo período em que criou a Fundação Santa Sara Kali (FSSK), dando início a uma série de trabalhos em defesa dos direitos ciganos, em específico em defesa das causas dos direitos das mulheres ciganas, crianças ciganas e dos acampamentos ciganos.

Miriam Stanescon começou a aparecer na mídia e ganhar visibilidade na política durante os anos 1990 com os trabalhos políticos e sociais desenvolvidos pela sua fundação e como já foi mencionado, nos anos de 1995 e 1996, a cigana envolveu-se em uma polêmica e moveu um processo contra a autora da novela, a escritora Glória Perez. Como já mencionado também, outra atividade desenvolvida por Miriam e sua fundação é o culto em homenagem a sua santa padroeira, Santa Sara Kali, realizado desde o ano de 1998, no Parque Municipal Garota de Ipanema, no Rio de Janeiro. Desde 24 de maio de 2006, com a criação do dia nacional do cigano se constituiu Santa Sara Kali padroeira dos ciganos no Brasil, o evento ganhou proporções maiores, quando em especial junto com a *cruzada* é comemorado o dia nacional do cigano¹¹ e da santa. A relação da cigana com a santa é repetida nos eventos mensais e estampa prospectos e santinhos distribuídos no evento:

⁸ Reportagem *Os ciganos Moderno*, revista Istoé, https://istoe.com.br/5055_OS+CIGANOS+MODERNOS/, acesso 23 de setembro 2018.

⁹ Idem 8.

¹⁰ Referência do requerimento da medalha Pedro Ernesto, <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1316.nsf/6e46ba2f78469a0b03257759005297cf/f0c190c4dbc1958083257d380050a4ca?OpenDocument>, acesso 23 de setembro 2018.

¹¹ Decreto Presidencial, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn10841.htm, acesso em 23 de setembro de 2018.

“Casei com 32 anos e para engravidar fiz promessa para Santa Sara Kali: se eu tivesse um filho propagaria o seu nome por todo o Brasil. Santa Sara fez um milagre em minha vida!”. (Panfleto XIX Cruzada Nacional pela Paz Mundial, Dia de Santa Sara Kali e Dia Nacional do Cigano – acervo pessoal¹²)

A cigana casou-se com Luiz Fernando Duarte De Siqueira, descrito por ela como gajes – não cigano – em seu livro¹³, e no trecho de agradecimento aos filhos esclarece: “meus amados, apesar do pai de vocês não ser cigano, vocês o são, porque o verdadeiro cigano é aquele que é gerado em ventre cigano e vocês foram¹⁴”. Após tentar engravidar várias vezes, fez a promessa a Santa Sara Kali de que faria um ritual em gratidão caso conseguisse ter filhos. Em gratidão a benção alcançada, desde o nascimento de sua primogênita realiza o ritual. Lhuba Fernanda é a primogênita do casal, que posteriormente teve mais três filhos: Luiz Fernando, Carlos Fernando e Loralaine Fernanda, e recebeu o nome em homenagem a sua avó Lhuba (Elza) Stanescon. Em seu livro, a cigana refere-se à mãe:

“A Senhora, foi a primeira advogada, não de direito, mas de fato, do nosso povo e por ter sido a primeira cigana mulher a participar (...) de um Krhis Romai¹⁵, fazendo brotar em mim, desde a mais tenra idade, o amor, o respeito ao nosso povo e, acima de tudo, o amor à justiça e à verdade; e que mais vale falar a verdade e ser punida do que ser omissa e mentirosa e ser louvada. Agradeço-lhe por incutir em minha mente que tudo que se quer ser, se é, e que não existem barreiras intransponíveis, que querer é poder, e que o poder não tem direito de nos fazer deixar de querer” (Livro “Cartas Ciganas” de Miriam Stanescon, página 9)

A cigana destaca que seu pai, Alberto Batuli, morreu cedo e que foi a sua mãe que se tornou uma referência para a cigana, sempre aconselhando-a. Segundo Miriam, ela “dizia aos ciganos com autoridade e sabedoria ‘O manush cai siles rat lachô, thi rorravel’ (A pessoa de sangue bom, justa e de boa índole não mente)”.

A Fundação Santa Sara Kali (FSSK)

Logo após a novela “Explode coração” Miriam Stanescon conseguiu maior visibilidade e começou a participar e promover eventos ciganos, além do ritual mensal na gruta, sua principal atividade pública no Rio de Janeiro. Em 2003 criou a “Fundação Santa Sara Kali” (FSSK) que está localizada em Nova Iguaçu, região da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. O endereço está localizado na rua Alberto Batuli, no centro da cidade, é uma das principais ruas de Nova

¹² O Panfleto faz parte do acervo pessoal do pesquisador.

¹³ (STANESCON, 2007 pág. 9)

¹⁴ Idem 13.

¹⁵ Em romani significa: Conselho de Sentença Cigano.

Iguaçu e que leva o nome do pai da cigana, como uma homenagem. Os sobrenomes Stanescon e Batuli da cigana são de famílias conhecidas na política e pelos eventos culturais na região de Nova Iguaçu e em cidades vizinhas na baixada fluminense. As origens ciganas da família sempre foram questão de destaque e orgulho.

Os Batuli foram umas das famílias temas da revista “IstoÉ” na reportagem “Os ciganos modernos - Eles preservam a cultura, mas dão valor ao estudo até para defender seus direitos, agora expressos em cartilha do governo”. A reportagem trás entrevistas com famílias ciganas, e em entrevista o cigano Carlos Alberto Batuli explica que as mulheres foram as primeiras da família a fazer faculdade:

“Em geral, as mulheres são mais interessadas nos estudos do que os homens, que trocam a faculdade pelo comércio para sustentar a família. Mas, atualmente, eles já sabem do valor de um diploma. Carlos Alberto Batuli, 59 anos, conhecido como Carlinhos Cigano em Nova Iguaçu (RJ), onde fica a maior comunidade cigana no Brasil, criou a prole com este objetivo. Ele decidiu que os seus quatro filhos não enfrentariam as dificuldades que os seus parentes tiveram para conseguir emprego. ‘Meus primos tinham vergonha de dizer que eram ciganos. Eu queria que os meus filhos tivessem orgulho da origem e fossem respeitados na sociedade’, conta. O esforço compensou. Iordana se formou em medicina, Carla em direito, Patrícia em educação física e Carlos Dreik cursa fisioterapia. ‘Sou muito grata ao meu pai. Não deixei de ser cigana porque fiz faculdade e meu marido, que também é cigano, entende os meus plantões e respeita a minha escolha’, afirma a ginecologista Iordana Carla de Sá Batuli, 33 anos. ‘Evolução não significa perder as tradições. Afinal, não vivemos como há 200 anos’, complementa a sua irmã, a advogada Carla Andréia Batuli, 32 anos.

A reportagem trás uma pequena menção a advogada e cigana Mirian Stanescon, procuradora de Nova Iguaçu que “elaborou em março, junto ao governo federal, uma cartilha de direitos do seu povo, como o registro do nascimento, saúde e educação públicas, que deverá ser distribuída aos 900 mil ciganos em todo o país”. Na reportagem a cigana aparece com o sobrenome Stanescon de sua mãe. O outro sobrenome conhecido da cigana, e na região da baixada fluminense, é o Stanescon, herdado da mãe Lhuba, que como referi anteriormente à cigana chama de “a primeira advogada” e com quem aprendeu que “tudo que se quer ser, se é, e que não existem barreiras intransponíveis, que querer é poder, e que o poder não tem direito de nos fazer deixar de querer¹⁶”, a origem do matriarcado do clã Kalderash que a cigana intitula-se rainha.

A cigana e sua família são citados no documento “Políticas Ciganas No Brasil E Na Europa Subsídios Para Encontros E Congressos Ciganos No Brasil” (2012) do antropólogo Frans

¹⁶ (STANESCON, 2007 pág. 9)

Moonen¹⁷ que foi solicitado pelo procurador Luciano Mariz Maia, da Procuradoria da República na Paraíba, a pedido do então senador Antônio Mariz. O documento é uma pesquisa sobre violações aos direitos e interesses dos ciganos sedentarizados em Sousa, no sertão da Paraíba e soma com uma revisão de alguns documentos oficiais que mencionam também os ciganos desde a Constituição Federal de 1988 até os anos 1992. Com base nesse documento, em 1994 o Ministério Público Federal criou a 6ª Câmara de Coordenação e Revisão dos Direitos das Comunidades Indígenas e Minorias, inclusive das minorias ciganas. No documento, Miriam aparece em subtítulo chamado “Clãs ciganos”:

“A advogada, cartomante e *putativa*¹⁸ ‘rainha cigana’ Mirian Stanescon, por exemplo, afirma que os ciganos são divididos em sete clãs: Kalderash, Moldowaia, Sibiaia, Roraranê, Hitalihiá, Mathiwia e Kalé. Não é bem assim. Basta consultar um bom dicionário ou um manual de antropologia.”

Para o autor, todos os dicionários e manuais de antropologia deixam claro que os ciganos Rom, Sinti ou Calon, Kalderash, Moldowaia ou Mathiwia, não constituem clãs, mas grupos ou sub-grupos étnicos, uma referência as fronteiras étnicas debatidas por F. Barth (2007). O autor destaca a força dos clãs ciganos dos Stanescon (Rio de Janeiro) e o clã cigano Iovanovitch (Curitiba), liderado por Cláudio Iovanovitch, presidente da Associação de Preservação da Cultura Cigana (Apreci/PR) e uma das lideranças políticas que, nos últimos anos, tem aparecido e participado na esfera pública carioca.

O autor destaca como os autoproclamados “reis/rainhas” ciganos surgem no Século XX. Destaca a dinastia Kwiek (ou Kwieck), responsável por produzir “vários ‘reis’ com fama internacional”. Demonstrando a contradição sobre a importância das figuras dos reis ciganos, o autor traz um texto do viajante Yoors, “um *gadjé* belga que, ainda jovem, conviveu uns dez anos com os ciganos na década de 30” e em seus relatos escreveu sobre esses supostos reis ciganos, sua funções, representações e mediações:

“O Rei era apenas um chefe fictício com absolutamente nenhuma autoridade. Sua função, se é que tinha alguma, era intermediar entre a polícia local e o *Kapo*, que era o chefe real da comunidade. (...) Para explicar melhor, um cigano comparou os reis com aqueles homens imponentes que se vê nas cidades, vestindo uniformes coloridos com galões dourados, parecendo e se comportando como generais de exército, mas que na realidade são apenas porteiros de luxuosos hotéis ou cabarés” (YOORS, 1987 Pág. 113-5 Apud MONEEN, 2012).

¹⁷ Professor titular no departamento de Ciências sócias Nijmegen/Holanda, doutor em antropologia. Assessor de assuntos indígenas e ciganos da Procuradoria da República da Paraíba.

¹⁸ Grifo meu.

Para o antropólogo, no Brasil essa narrativa das dinastias “utópicas e com pretensões reais” seriam uma tentativa de reconstrução de “um retrato multicolorido da família real por herança Stanescon, obviamente kalderash, e com pretensões de perpetuar esta sua realeza”. O autor reconstrói a narrativa da cigana Mirian Stanescon em sua análise:

“No final do século passado, o Rio de Janeiro recebia um cigano da tribo kalderash chamado Nicolas Stanescon (ou Rhitsa). Ele vinha chefiando cerca de sessenta famílias e mais tarde, na época da II Guerra, trouxe outras 35. Respeitado por seu povo, tornou-se uma espécie de rei – um prestígio que, ao morrer, transferiu à esposa, Yordana. Dessa forma começava uma fase de lideranças femininas no clã comandado pelos Stanescon, que perdura até hoje. Com a morte de Yordana, considerada uma rainha, o ‘poder’ passou para a sua filha mais velha, Lhuba Stanescon, que ainda o exerce. Mas já tem herdeira certa: a filha mais velha, Mirian Stanescon Batuli Siqueira”. (MOONEN, 2012 Pág. 23)

Com a morte de sua mãe, a cigana Mirian Stanescon que se apresentava como “princesa Cigana”, passou a ser a autoproclamada “Rainha de todos os ciganos do Brasil”, o que para o antropólogo “infelizmente, é levada a sério somente pelas autoridades políticas em Brasília” (MOONEM, 2012 p. 39).

Bacharel em Direito, Miriam tornou-se procuradora pública na cidade de Nova Iguaçu antes de se casar, aos 32 anos. Organizou a “Cruzada Nacional pela paz Mundial” em 1998, iniciando suas atividades de inclusão e busca por direitos da população cigana em políticas públicas. Nos anos que se seguiram, a cigana ocupou o cargo de Delegada da Comissão de Direitos Humanos da OAB do Rio de Janeiro e de Conselheira Nacional da Igualdade Racial onde até o ano de 2004 aprovou 29 projetos, e em suas palavras, buscavam tirar a “comunidade cigana da invisibilidade governamental¹⁹”. No ano de 2004 aprovou 25 propostas na “XI Conferência Nacional de Igualdade de Raça”, mesmo ano em que participou do projeto Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, onde foi exigida a existência de uma médica mulher em cada ponto do Sistema Único de Saúde (SUS), considerado por ela uma vitória das mulheres ciganas, já que as mulheres ciganas só podem ser atendidas por médicas mulheres por uma obrigação da tradição.

No ano de 2006 a cigana Mirian Stanescon foi convidada pelo Governo Federal para escrever a cartilha “Povo Cigano, o direito em suas mãos” lançada em 25 de maio do mesmo ano. O decreto foi assinado pelo então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, que fez questão de posar para fotos

¹⁹ Acervo pessoal do pesquisador. A fala retirada da transcrição do discurso de Miriam Stanescon durante a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro em 2014, onde recebeu a medalha Pedro Ernesto.

e beijar a imagem da santa cigana que fora presenteado na ocasião. Após o lançamento da cartilha, a autora foi convidada a fazer pessoalmente a divulgação pelos estados brasileiros, ajudando na promoção da cultura e direito à cidadania do cigano no Brasil, e assim como consta no decreto federal, divulgando também Santa Sara Kali como “Padroeira dos ciganos no Brasil”.

No ano de 2006 o Governo Federal, em uma realização conjunta entre o Ministério da Cultura, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e a Fundação Santa Sara Kali organizaram a “Cartilha Povo Cigano: Direito em suas mãos”. O documento conta as histórias, costumes e hábitos dos ciganos no Brasil e no mundo. A cartilha tem quarenta e três páginas, a publicação é colorida e ilustrada com imagens que lembram as artes do baralho e das cartas do “Lilaá Romai – Cartas Ciganas” que foi um dos vencedores do “I Prêmio Culturas Ciganas” promovidas pelo Ministério da Cultura (MinC.) no ano de 2007. Muitas repetem os mesmos títulos de suas cartas como: “sociedade cigana”, “7 chaves do destino”, “coração cigano”, “barraca cigana” e outras. A imagem de Santa Sara que enfeita não só o verso do baralho, mas como muitos produtos da marca “Rorarni” da cigana também está presente na cartilha.

O texto²⁰, de autoria de Miriam Stanescon, trás uma epígrafe descrita como um “pensamento cigano” com os seguintes versos “Minha terra é o plante, meu teto é o universo, minha religião é a liberdade” e em uma breve apresentação exhibe a participação da cigana em diversas esferas públicas nos últimos anos, sempre em defesa dos direitos do “meu povo cigano” que tem “o direito de ter direito”, sejam os ciganos nascidos no Brasil e com seus direitos reconhecidos desde a constituição de 1988 como o de todos os cidadãos brasileiros, o direito dos ciganos oriundos de outros países e naturalizados brasileiros²¹. Logo na introdução destaca a importância da realização da Conferência Nacional de Promoção de Igualdade Racial que havia sido promovida pela SEPPIR, e a 1ª Audiência Cigana do Brasil, onde, em suas palavras: “foi dada a oportunidade a vários líderes de vários clãs ciganos estabelecidos em vários estados do Brasil a colocarem as propostas que achavam necessárias para proteger, resguardar, garantir direitos, e acima de tudo, valorizar suas tradições” (Cartilha Povo Cigano, página 11).

²⁰ Cartilha Povo Cigano – o direito em suas mãos, <http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/05/cartilha-ciganos.pdf> , acesso 23 de setembro de 2018.

²¹ Lei 6.815 de 19/08/1980 – Estatuto do Estrangeiro.

Na primeira parte da cartilha Mirian Stanescon afirma que os ciganos “povo nômade, alegre, sábio e muito místico” (Cartilha Povo Cigano, página 13) sofreram perseguições e tiveram de espalhar-se no mundo, tiveram uma trajetória de perseguição, expulsões, deportações e preconceitos como o de “vagabundos, mendicantes, malfeitores, trapaceiros” e outros mais, que foram somados aos ciganos desde as suas origens míticas até o holocausto – o ápice das políticas de extermínio contra o “povo cigano”. A autora destaca “a tentativa do regime nazista em exterminar este grupo étnico da Europa, junto com os judeus” (Cartilha Povo Cigano, página 15) tratando, assim, os “irmãos judeus” como vítimas em comum de perseguições, emigrações e lutas por conquistas e reconhecimento dos seus direitos. O texto faz referência às lutas atuais dos ciganos pelo mundo e cita o autor e militante cigano Ronald Lee²², diretor do Roma Community Center no Canadá (RCC), uma das principais associações de representação dos ciganos na ONU.

A cartilha narra a realização do “First World Romani Congress” (1 Congresso Mundial Romanô), realizado em Londres em 1971. No evento a ONU reconheceu os ciganos como “minorias étnicas” e os participantes escolheram a bandeira e o hino cigano²³. A bandeira rom (cigana) já tinha sido elaborada em encontro anterior, na década de 1930, mas é reformulada e reafirmada como símbolo identitário neste congresso, quando ativistas ciganos de 23 países definem a “origem comum indiana”, a língua romani e o termo roma, entre outros elementos, como parte constitutiva da identidade cigana²⁴. A bandeira é verde e azul com uma roda vermelha no centro. A escolha desses símbolos se relaciona diretamente à tentativa de estabelecer uma rede de ativismo transnacional, uma comunidade globalizada baseada na etnicidade.

A última parte da cartilha é destinada a explicar as propostas apresentadas e aprovadas e que vem sendo desenvolvidas desde a IX Conferência Nacional dos Direitos Humanos e I Conferência Nacional de Promoção de Igualdade Racial (2005). Os temas estão divididos em três áreas: “Direitos e Política”, “Educação, Saúde e Cultura” e “Comunicação”.

²² Para maiores informações ler a tese de SOUZA, M. Ciganos, Roma E Gypsies: Projeto Identitário E Codificação. Política No Brasil E Canadá. Apresentada na Universidade Federal Fluminense no ano de 2013.

²³ A música “dzelem dzelem” foi adotada como o hino cigano no I Congresso Mundial Cigano em 1997.

²⁴ Sobre a internacionalização e articulações de um movimento cigano no mundo ver Fischer (2011) e Hancock (2002).

A cartilha tem em suas últimas páginas, o decreto presidencial transcrito e a imagem de Santa Sara Kali, a “padroeira dos ciganos”, ao lado do texto e da assinatura do presidente. Em seu relatório, o antropólogo Frans Moone, que acompanhou as reuniões da 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CONAPIR nos anos que se seguiram ao decreto, ofereceu destaque às desavenças entre os representantes. O autor relata a reunião de 14 de Julho de 2009, onde a ONG cigana ABRACIPR (Associação Brasileira dos Ciganos no Paraná), uma organização vinculada a Associação de Preservação da Cultura Cigana (Apreci/PR), oficializou um documento para o ministro da SEPPIR, naquele momento Edson Santos, com queixas em relação à Mirian Stanescon, a então Conselheira do CNPIR – Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial. O autor relata no documento:

“a putativa “rainha cigana” carioca Mirian Stanescon - alegou que algumas das 36 propostas apresentadas pela ABRACIPR e mais quatro ONGs ciganas já haviam sido contempladas e que constavam de sua ‘cartilha da Iª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CONAPIR’. A ABRACIPR sugeriu que as propostas coincidentes tivessem nova redação para que fossem incorporadas.” (MOONEN, 2012 Pág. 9)

Segundo Moonem, o documento da 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CONAPIR não teve resultados, as queixas contra a conselheira foram ignoradas e as propostas continuaram recusadas por Mirian. O autor destaca que Mirian Stanescon:

“Inclusive vetou a presença, na 2ª CONAPIR, de duas ciganas: Márcia Guelpa (Yáskara) e Jaqueline Vacite, representante da UCB e esposa de Mío Vacite, que representavam duas ONGs ciganas, alegando que elas não eram ciganas”. Questionou, ainda, a ciganidade de Wasyl Stuparyk. Vetou inclusive a lista de 25 pessoas indicadas pelas cinco ONGs ciganas acima citadas para participar da 2ª CONAPIR. Mas participaram todas as pessoas indicadas por ela, sete das quais parentes dela, do clã Stanescon. A seguir as cinco ONGs ciganas, através de Wasyl Stuparyk, encaminharam uma representação ao Ministério Público Federal e à Defensoria Pública da União, em que declaram não aceitar serem representados e não reconhecer Mirian Stanescon, porque ela não foi eleita para este cargo pelos ciganos. No relatório final do I CONAPIR os ciganos foram mencionados em vinte propostas, ao lado de outras minorias. O Ministério da Cultura fez duas propostas, em primeiro lugar instituiu o Grupo de Trabalho Culturas Ciganas²⁵ com a finalidade de ‘indicar políticas públicas para as expressões culturais dos segmentos ciganos’. A primeira reunião foi realizada no dia 16 de março de 2006, com a presença de ciganos (menos de dez) e não-ciganos (inclusive o antropólogo Frans Moonem). Previsto para funcionar durante apenas um ano, este prazo foi prorrogado por mais um ano. O MinC e a SEPPIR não informam quantas reuniões foram realizadas, quem, quais e quantos foram os participantes, ciganos ou não-ciganos. Nem foram divulgados os resultados práticos destas reuniões. Se é que resultados existem. No relatório da

²⁵ Posteriormente o GT foi denominado Grupo de Trabalho Interministerial Culturas Ciganas.

II CONAPIR, de 2009, consta somente ‘Incluir as artes ciganas nas atividades do movimento negro e dos povos indígenas, além de definir o dia 24 de maio como Dia Nacional dos Ciganos’. (MOONEN, 2012 Pág. 23)

Em seu relatório finaliza sinalizando que das ações práticas só o Ministério da Saúde desenvolveu um folder “Ciganos no SUS: equidade em saúde se faz com respeito às diferenças”, material que conheci no ano de 2017²⁶, que informa:

“O Ministério da Saúde recomenda aos serviços de saúde: - que não condicionem o cuidado e a atenção à apresentação de documentação e endereço, já que muitos ciganos não têm registro civil e nem endereço fixo; - que todo integrante do povo cigano seja tratado com dignidade, procurando respeitar, em todos os aspectos, os valores e as concepções que tem acerca da saúde. Agora o SUS vai identificar o Povo Cigano. SAÚDE PARA TODOS / SASTIMÔS SAORRENGUE”.

Em 2010, a cigana tornou-se conselheira da Comissão de Direitos Humanos da OAB, cargo que ocupa até hoje. No mesmo ano com a aprovação do projeto de lei nº 459/2013, do vereador Marcelo Piui, o dia 24 de Maio foi escolhido como o Dia do Cigano por ser o dia dedicado à Santa Sara Kali, padroeira universal dos ciganos, e inserido no Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas do Município do Rio de Janeiro. Em novembro no ano de 2014, Miriam Stanescon recebeu, da então Presidenta Dilma Rousseff, a Ordem do Mérito Cultural, prêmio criado pelo Ministério da Cultura para homenagear personalidades da cultura brasileira.

Após a premiação, Miriam concedeu uma entrevista para a Revista Babel²⁷ da USP e no artigo intitulado “Doutora Cigana” fez questão de destacar o seu “detector de ciganos”, usado para detectar os ciganos e os que ela define como “não ciganos”:

“a capacidade de reconhecer quem é cigano de verdade e quem não é a fez comprar briga com os falsos ciganos. Uma vez, ao ser homenageada em Brasília, viu ciganos falsos na frente dos verdadeiros e fez todo mundo mudar de lugar. ‘Ou bota meu povo na frente, ou a homenageada está se retirando’. A ameaça funcionou, mas também a tornou persona non grata em alguns lugares. O segredo de seu ‘detector de ciganos’ ela não revela. Mas adianta que falar a língua cigana, Romanês, é essencial.” (Miriam Stanesco – Revista Babel USP).

A imagem de Santa Sara Kali esteve presente também no decreto de 25 de maio de 2006, uma das críticas de Mio Vacite²⁸ ao decreto e a comemoração do dia Nacional do Cigano, assim como

²⁶ A imagem faz parte do acervo pessoal do pesquisador, o material foi distribuído em uma reunião da ONG cigana Sal da Terra, em uma reunião que ocorreu na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, no Rio de Janeiro, com representantes locais, representantes da Igreja católica e uma assistente sociais representando a empresa de seguros CAPEMISA.

²⁷ Idem 32.

²⁸ O cigano Mio Vacite é uma das principais lideranças no Rio de Janeiro, é fundador e presidente da União Cigana do Brasil (UCB)

o fato da escolha da mesma data que da santa, 24 de maio. A UCB reconhece a instituição do Dia Nacional do Cigano como importante, mas crítica a escolha desse dia para comemorá-la, sob o argumento de que os ciganos não reconhecem Santa Sara Kali como “padroeira dos ciganos”. Ele explica que: “Até 1986, os ciganos brasileiros não conheciam Santa Sara. Sabíamos que na França tinha uma cigana chamada ‘mãezinha’. Mas no Brasil, a nossa santa é Nossa Senhora Aparecida. Quiseram escolher uma santa escura”. Para Mio, Santa Sara foi introduzida no Brasil em 1986, pela escritora Cristina da Costa Pereira, que participou do CEC (Centro de Estudos Ciganos) nos anos de 1990 com o cigano e outros ativistas e “simpatizantes” da causa cigana. A santa não é reconhecida como padroeira pela UCB. Mio Vacite e a UCB, em 1994, tentaram reivindicar o reconhecimento de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do povo cigano no município do Rio de Janeiro, mas não conseguiram. O cigano argumenta que a escolha da santa seria mais plausível, uma vez que esta santa é oficialmente reconhecida como padroeira do Brasil desde 1931. Seu argumento é que o estado deveria ser “laico” e que por isso “não deveria utilizar a imagem de Santa Sara como símbolo da etnicidade cigana no decreto presidencial que institui o Dia Nacional do Cigano”. O cigano afirma que “existem evangélicos, mulçumanos e membros de outras religiões ou ateus e agnósticos, que não se identificam com Santa Sara ou Nossa Senhora de Aparecida”.

Mio Vacite, em uma reunião em Brasília, durante a solenidade de comemoração do Dia Nacional do cigano em 2007, também criticou o modelo do decreto que instituiu o Dia Nacional do Cigano, pois ele continha, entre outros símbolos, a imagem de Santa Sara Kali. Mio sugeriu um símbolo mais secular e mundialmente reconhecido pelos ciganos, como a bandeira definida no primeiro Word Romani Congress (WRC). O decreto presidencial que instituiu o Dia Nacional do Cigano teve a imagem da santa substituída pela bandeira cigana. A mudança ocorreu mesmo que, segundo o cigano, “representantes ciganos tivessem se colocado contra”, como foi o caso de Mirian Stanescon. Nesse caso impressiona-me as assinaturas dos três membros da Igreja Católica ligados à pastoral dos Nômades, assim como a presença dos símbolos da Pastoral dos Nômades²⁹

²⁹ A pastoral é uma das partes centrais dessa pesquisa e um dos capítulos de minha tese., acompanhei a atuação com um grupo de mulheres ciganas na associação *Sal da terra* na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, no bairro de Guadalupe Zona Norte da cidade. Fundada no ano de 1988 o então Papa, João Paulo II ordenou ao Conselho Pontifício da Pastoral para Migrantes e Itinerantes a “empenhar-se para que, nas igrejas locais, seja oferecida uma eficaz e apropriada assistência espiritual, se necessário estruturas pastorais aos fugitivos, exilados, quer os migrantes, aos nômades e as pessoas que exercem as artes circenses” (2009, Pág. 7).

e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que aparecem nos dois decretos. Tais símbolos não entraram na disputa por nenhum dos representantes.

Em paralelo com suas atividades com o Governo Federal e em diversas áreas em que atuou durante a sua vida, Mirian manteve sua fundação e algumas das atividades que são sua marca como as correntes e as comemorações³⁰, com maior destaque ao mês de maio e a festa em homenagem a Santa Sara Kali. O evento recebe regularmente visitas de representantes do estado, que como o superintendente do estado Cláudio Nascimento, esteve presente em 24 de maio de 2011 e, em reportagem, declarou a:

“(…) importância de reconhecermos Santa Sara Kali como um ícone de mediação entre o povo cigano e as demais culturas existentes no país, importante patrimônio cultural e imaterial deste povo que figura a multiculturalidade existente em nossa sociedade.” (Cláudio Nascimento – Superintendente da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos dos Direitos Individuais, Coletivos e Difusos³¹).

Por muitas vezes, em seus encontros mensais, Mirian destacou a gruta do Parque Garota de Ipanema como o “primeiro templo de Santa Sara Kali no Brasil”, fazendo com que, assim, o “povo cigano e os adoradores e devotos da santa” tenham um espaço para adorá-la no Brasil, fazendo referência à festa de Saints Maries de La Mer, no sul da França, onde anualmente peregrinações, uma grande romaria e festividades em homenagem a Santa Sara Kali. A santa cigana não é oficialmente canonizada pela Igreja Católica, mas em comemoração ao dia da santa a Arquidiocese de São Paulo publicou em seu site um “santinho” com sua história:

“Santa Sara Kali, é a santa protetora do povo cigano, foi canonizada em 1712 pela igreja católica, mas até hoje ela omite seu culto. Talvez por falta de dados históricos seguros. Há muita lenda sobre Santa Sara Kali. O termo Kali significa ‘a negra’, porque sua pele era escura. Seu culto está ligado ao culto das Madonas Negras e os festejos da santa ocorrem no dia 24 de maio com procissão e banhos no mar. A imagem de Santa Sara é vestida de azul, rosa, branco e dourado. São colocados na imagem adorno de flores, joias e lenços coloridos para que ela seja levada para a procissão no mar. Os devotos buscam a obtenção das graças nos olhos da santa, pois nos olhos de Santa Sara tudo está contido: a força de Deus, a força da mãe, a força do amor da irmã e da mulher, a força das mãos, a energia, o sorriso, a magia do toque e a paz. E assim, todos que buscam graças no seu

³⁰ Reuniões mensais e festas que ocorrem todo ano na Gruta de Santa Sara Kali, em Ipanema – Rio de Janeiro.

³¹ Reportagem *Toda forma de descriminalização deve ser combatida*, <http://superdirrj.blogspot.com.br/2011/05/toda-forma-de-discriminacao-deve-ser.html>, acesso em 11 de outubro de 2016.

olhar, retornam sempre aos pés de Santa Sara para agradecer.³²” (Arquidiocese de São Paulo-SP).

A autora Paula Monteiro em “Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso” (2012) afirma a importância de:

“reconhecer que a Igreja Católica no Brasil – ainda a mais influente instituição religiosa do país – sempre atuou, material e simbolicamente, na formulação de uma ideia de direitos (individuais, coletivos e culturais) e foi ator importante na construção de um modelo de sociedade civil pelo menos em três grandes momentos: do início da República até os anos 1970 lutou contra as forças positivistas e anticlericais pela definição dos atos civis e da liberdade religiosa; nas décadas de 1970 e 1980 colaborou na construção da ideia de direitos sociais; nas décadas seguintes alinhou-se às lutas pelos direitos étnicos. Dessa maneira, quando outras tradições religiosas como o Candomblé performatizam publicamente seus ritos – como no caso, por exemplo, da lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim na Bahia incluída no calendário turístico de Salvador – elas só podem fazê-lo de maneira aceitável quando são capazes de articular simbolicamente”. (MONTEIRO, 2012 Pág 176)

Para a autora as ambições de visibilidade pública, os interesses políticos tanto da Igreja Católica quanto do Estado demonstram que algumas práticas, quando consideradas em seus contextos políticos específicos, são mais eficazes do que outras em promover esse tipo de aglutinação de interesses e repertórios entre distintas instituições. A autora afirma, que, quando são consideradas “tradições culturais”, por exemplo, os ritos africanos são mais facilmente incorporados às imagens de identidade nacional do que quando são tratados como “ritos religiosos”, e em minha análise mostro como no caso dos rituais ciganos ocorre o mesmo: os símbolos ciganos quando ligados a cultura católica são melhor incorporados num projeto cívico nacional. Já muitos ritos cristãos tais como missas, caminhadas etc., conseguem mobilizar em nome de uma coletividade cívica um amplo leque de movimentos religiosos distintos, como é o caso da CCIR, e dos rituais realizados por Miriam em Ipanema.

É impossível definir de antemão qual elemento simbólico é mais apto à produção de consensos compartilhados a respeito de como as coisas são ou devem ser definidas na vida social. De qualquer modo, estamos trabalhando com o pressuposto de que, quanto maior a aptidão de um determinado repertório para integrar lealdades locais a uma comunidade imaginada mais inclusiva, maior será sua capacidade de conferir à esfera pública sua linguagem, suas escolhas, suas formas de sensibilidade e juízo.

“Em suas mãos”: cartilhas, panfletos e outros materiais.

³² Fonte Arquidiocese de São Paulo Pia Sociedade Filhas de São Paulo Paulinas <http://www.paulinas.org.br> <http://www.arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santa-sara-kali> acesso em 26 de fevereiro de 2018.

Retomando ao ritual de 2017, a cigana fez questão de ler o panfleto anual do evento ressaltando a existência da Cruzada Nacional pela Paz mundial, que no material é descrito como um: “Reconhecido movimento pela paz que possui como objetivo maior a união entre os povos, raças, credos e religiões, passou a integrar o calendário *oficial* da cidade do Rio de Janeiro e hoje comemora 19 anos”. A cigana explicou que comemorávamos o Dia de Santa Sara Kali e o Dia Nacional do Cigano e, mensalmente, todo 24 de maio, na Gruta de Santa Sara Kali, no Posto 7 do Arpoador, Rio de Janeiro – RJ, descrita no panfleto como “o primeiro templo ao ar livre da América Latina” e o “segundo no mundo dedicado a padroeira cigana”. Miriam sempre tem panfletos, santinhos que são gratuitamente distribuídos, muitas vezes a própria cigana faz questão de ler e explicar ao microfone. Um dos panfletos descreve a santa:

“Ela é responsável pela manutenção de nossa fidelidade aos princípios básicos da vida cigana. É uma verdadeira deusa matriarcal, é a grande protetora dos jovens indefesos. É a imagem de experiência e da maternidade, sendo quem mantém o código de ética dos ciganos. Ela não conhece inquietação, o medo ou a ansiedade. É o próprio equilíbrio, exemplo da experiência conseguida na trajetória de vida.” (Panfleto Dia Nacional do Cigano e SSK do ano de 2017)

Muitas vezes a cigana publica esses prospectos em suas redes sociais, com chamada para as reuniões na gruta, além da imagem de Santa Sara Kali, as imagens de Nossa Senhora e dia de homenagem a “padroeira do Brasil”, como é chamada pela cigana, as imagens de São Cosme e Damião, que são os padroeiros da cigana, e tem sua data comemorada no mesmo mês de seu aniversário, o que sempre é lembrado nos convites e comemorações. O santinho com a oração de SSK é o principal objeto entregue, com a mesma oração escrita em português e Romanês. Nos últimos anos já existiram três versões diferentes, sempre utilizando uma imagem da santa dentro da gruta ou uma das cartas do baralho de Miriam, mas todas contem uma fotografia com os olhos da cigana e a marca da cigana no verso.

O ritual foi pedagogicamente ensinado, como todo mês a cigana dá a bênção das sete ervas e sete essências, depois os presentes queimam seus “karmas” através do incenso, entregue por membros da GRASSA, que também entregam pães bentos de Santa Sara Kali. Sobre o pão a cigana Mirian enfatizou:

“Aqueles que desejam sorte no amor devem guardar o pão bento de Santa Sara Kali no pote de açúcar. Para os que almejam prosperidade o pão deve ser guardado no pote de arroz. A fim de obter as duas graças, reserve um pouco de arroz e um pouco de açúcar no mesmo recipiente e coloque o pão. Todos os anos os pães devem ser trocados”.

Antes de iniciar lembrou aos presentes que após o ritual “como em toda festa cigana, nossa benção termina com uma grande comemoração ao som de músicas ciganas tradicionais, muita dança e alegria!” e todos estavam convidados a participar desta “grande festa que tem o intuito de divulgar a cultura e tradições ciganas, auxiliando no combate à discriminação”. Uma movimentação fez com que a tenda, que até então estava quente e muito iluminada, começasse a receber vários cestos com “pãezinhos” embrulhados com medalhinhas de SSK, o mesmo balde já utilizado para benzer a gruta e uma revista intitulada “Mistérios de Órunmilá³³”. A revista chamou minha atenção por trazer uma fotografia de SSK na capa, com os dizeres “ciganos em festa” e uma fotografia de Miriam. A revista trazia uma reportagem sobre a santa e sua história de além-mar, e “sua crescente adoração no Brasil”, como descrito no texto. E outra reportagem sobre a cigana, apresentando sua trajetória, seu “orgulho em ser cigana” e o seu “trabalho desenvolvido” na gruta. Em suas últimas páginas a revista trazia um cupom de desconto para compras da marca “Romani”, mas o que mais chamou minha atenção foi a presença da mesma loja de artigos religiosos “Palácio da Magia”, e já mencionada no início da etnografia com uma notável imagem de Maria Mulambo. Na revista a propaganda trazia uma fotografia da inconfundível imagem acompanhada de outra imensa imagem de um “pomba-gira cigana” em algumas páginas antes.

A cigana encerrava sua fala com a leitura dos últimos versos do seu panfleto: “Diga não a discriminação! Vista a camisa da Paz! Para conhecer melhor a história de Santa Sara Kali e as tradições do Povo cigano, leia o livro Lila Romai – Cartas ciganas, de Mirian Stanescon” e iniciava a leitura da oração de SSK. A oração era lida pela cigana em uma versão em romanês ao microfone e em seguida a multidão em coro lia versão em português, e verso a verso todos rezaram até o “thei diel o dhie”, ou amém em português. Imediatamente o microfone dá lugar ao maço de ervas, a multidão se espreme contra as grades, a voz de Lhuba surge sempre instruindo: “calma”, “tem pãozinho pra todo mundo”, “circulem”, muitas vezes direcionando os devotos a gruta, para a queima do incenso na pequena fogueira em sua frente.

A benção ocorre até que todos tenham completado todas as etapas. Com o cansaço, a cigana intercala a benção com suas pausas para o fumo de seu cigarro, sentada e exausta corresponde a todo grito de “Madrinha!” ou “Miriam!”. Os poucos momentos que interromperam essas pausas

³³A edição de Maio de 2017. Edição N 6, a revista faz parte do acervo pessoal do pesquisador.

eram as chegadas de seus convidados, extraordinários como a chegada de dois senhores apresentados como “assessores/representantes” do prefeito Crivella. Ambos receberam as bênçãos de ervas e realizaram o circuito. Ao retornar ao calor da tenda, em um dado momento um dos assessores apresentado como “Marinho” comentou: “Ela parece a santa!” ao observar por alguns minutos Miriam Stanescon. Em outro momento uma mulher grávida pediu uma bênção especial e Miriam, interrompendo tudo, ao microfone fala com a mão sobre a barriga da mulher: “Uns dizem que eu tenho, eu não digo que sim, mas...”, abaixando o microfone não terminou a fala, mas balançou os ombros e sorriu ao mesmo tempo em que colocava as duas mãos na barriga da mulher e começava a falar e benzê-la em romanês.

A segunda parada ocorreu com a chegada do seu neto, o fato tão anunciado foi motivo de festa e muito choro. O primeiro “neto e homem” da cigana veio trazido por seus pais compondo toda a sua família. Festejado ao microfone, o momento foi acompanhado pelo reaparecimento do ator Marcos Frota, fazendo elogios e tirando fotos da cigana, de seu neto e de toda a sua família. Após dar o passe na própria família, Lhuba pediu-me para tirar uma “foto de família”, levando em consideração a minha câmera ser a mais profissional e fotografamos, não só eu, mas também o “fotógrafo da santa” e Marcos Frota. O ator recebeu um passe, fez mais fotos, beijou e se despediu da cigana e de suas filhas.

A tenda estava lotada, as últimas imagens de SSK, mãos e celulares foram benzidos e as placas da prefeitura começaram a ser organizadas em semicírculo como um palco em frente à tenda. Professoras de dança cigana como a cigana e judia Devoha, e outras promoters de eventos ciganos, companhias de dança cigana, que já estavam presentes no evento, organizavam-se para sua apresentação na lateral. Muitos conferiam a ordem de sua apresentação em uma lista gerida por Lhuba. Em diferentes anos acompanhei o grupo Wal-Hei em apresentações na gruta. Sempre que são convidados apresentam-se e cantam a música que escreveram em homenagem a SSK, música que toca no evento e muitos outros dos eventos ciganos que debato em minha tese. No ano de 2014 os músicos e a dançarina cigana Saara Z. foram minhas entradas, apresentaram-me e trataram a cigana como “madrinha”, todos personagens abordados durante a tese.

Estava presente também o violonista Allyrio Mello, figura constante nos eventos da cigana. Digo isso por ter acompanhado o músico em diversas ocasiões na gruta e em outros lugares, como a entrega da medalha Pedro Ernesto na Câmara do Rio de Janeiro onde o violinista, como

convidado da cigana, tocou o hino nacional ao violino. O músico é chamado por Mirian de “artista de alma cigana” e participa de todas as faixas do Cd Tradições ciganas. No evento na gruta foi apresentado por Mirian da seguinte maneira: “ao admirar sua facilidade e a beleza no contato com o violino, não via o Allyrio e sim o cigano Wladimir que foi um líder e o maior violinista dentro do meu povo”.

O músico foi o único homem a se apresentar sozinho nesse dia, além dele e do neto da cigana, a única figura masculina lembrada é o seu marido, falecido há alguns meses antes e rememorado nas fotografias do evento e em várias falas. Já tarde da noite, em um desses momentos a cigana contou ao choro como aquele ano havia sido difícil continuar a corrente na gruta, não só pela sua viuvez, mas como a saúde que “é debilitada pela idade”, segundo ela, o trabalho só se tornou possível com a “ajuda de suas filhas, em especial Lhuba, todos os amigos da GRASSA”. Em homenagem ao seu marido, pede que sua filha primogênita dance a música ‘papu’, criada por seu avô e favorita de seu marido. O pedido é obedecido e Lhuba dança a valsa emocionando a muitos, ao violino o músico Allyrio acompanhou ao vivo. O momento foi sucedido de uma segunda dança, agora da filha mais nova, as duas fariam uma homenagem ao falecido pai, a dança foi acompanhado pelo violinista. Apesar dos esforços musicais e da colaboração tocando e dançando junto da jovem, que estava nitidamente ciumada, a apresentação não convenceu ao público. A matriarca levantou-se e começou a bater palmas, a multidão acompanhou, e assim como Lhuba que entrou para finalizar a dança com a irmã não deixaram o constrangimento ser maior.

O evento caminhava para seu fim, Lhuba agradecia e confirmava a continuidade do trabalho, mesmo com “todas as dificuldades”, emocionada e chorando a primogênita chama a cigana de “nossa Phuri dhiei”, a matriarca rainha. A cigana levanta-se, abraça sua filha e explica o significado da carta Phuri dhiei presente em seu livro descrita como a que tem a: “revelação de todos os segredos ocultos. Na mão direita o poder total da sabedoria e da magia, na esquerda o equilíbrio que representa para a sociedade. Ela passou por todos os estágios da vida e alcançou equilíbrio.”

Emocionadas cederam a palavra os músicos Cristian Calón que ficaria responsável por terminar o evento com um show, despedi-me e fui comer algo antes de voltar para casa. O show acontecia

com músicas da Banda Gipsy King e qualquer música nacional com a temática cigana estava no repertório, mas repentinamente o som foi cortado e Lhuba Stanescon começou a falar enfurecida:

“Nós respeitamos muito a crença, a fé e a religião de todos. Mas não é justo que venham no nosso local, no nosso evento, no local de Santa Sara, o segundo templo do mundo e o primeiro da América Latina, misturar as religiões. Pior, pior que isso é denegrir uma outra religião. Seja candomblé ou umbanda, respeite! Dona Aline, por gentileza, quem dá benção aqui é doutora Miriam Stanescon, a idealizadora desse evento que acontece há 19 anos. Santa Sara Kali não incorpora, é importante vocês saberem isso: Santa Sara, Nossa Senhora Aparecida e Jesus Cristo. Em dezenove anos é a primeira vez que acontece, e é importante acontecer, assim como acontece conosco ciganos, acontece com o pessoal de umbanda e candomblé. E é por isso que as religiões estão marginalizadas, isso por que existem pessoas que divulgam de forma incorreta. Deixo aqui o meu registro de indignação, com desrespeito, mas fico feliz de ser um fato isolado, e agradeço a vocês que respeitam o espaço cigano e outras religiões. E o show continua.”

As palmas e o som da banda retomaram, Lhuba e eu fomos em direção à gruta e ao ocorrido. Miriam estava tirando fotos com o seu neto no espaço, poucos metros a sua frente uma mulher incorporada com Santa Sara Kali dava passes e Lhuba apontava diversos dedos para a médium e todos que a acompanhavam. Perguntei a Carliane e Luan o que estava acontecendo, logo argumentaram que o pessoal da tenda Ruan Nohandes, em Nova Iguaçu – Rio de Janeiro havia incorporado SSK e “já viu”, fazendo referência a fala do microfone e ao clima tenso no evento. A cigana Miriam posava para fotos com moradores da praça, seus “amigos” e “ajudantes” em dias como esses destacando que muitos “estão ali desde meninos”, enquanto isso sua filha estava quase expulsando o santo da médium. A confusão foi separada por membros da GRASSA e médiuns da tal “tenda”, os médiuns continuaram seu ritual e a distribuir exemplares da revista “Mistérios de Órunmila”. Os Stanescon voltaram para a frente do “palco”. Dias depois, a cigana Miriam publicou um áudio no grupo de Whatsapp “TV DO POVO CIGANO”, publicizando o acontecido e a sua indignação. O grupo é um dos muitos meios virtuais de comunicação utilizados e disputados por esses atores. Esse grupo conta com a presença da cigana, Mio Vacite e lideranças de tendas como a Ramirez e os Nohandes, que eu ainda não conhecia. A publicação de Miriam não ganhou desdobramentos e os próprios membros da Tzara continuaram postando eventos e convites.

A questão da intolerância religiosa é considerada central no discurso de Miriam, enquanto esteve a frente na presidência da Comissão de Direitos Humanos destacou a importância das lutas

conjuntas de vários movimentos marginalizados, como o movimento negro, judeu, umbandista e candomblecista, com quem aprendeu e desenvolveu lutas em conjunto:

Concedemos à palavra à Sra. Mirian Stanescon Batuli de Siqueira, Presidente da Fundação Santa Sara Kali, entidade de ciganos. V.Sa. tem 10 minutos. (Palmas.)
A SRA. MIRIAN STANESCON BATULI DE SIQUEIRA - Bom dia a todos, meus companheiros negros, índios, judeus e demais aqui presentes. Quero agradecer ao nobre Deputado o convite. É uma novidade.

O movimento cigano é um dos movimentos mais novos deste País. O povo cigano saiu da sua invisibilidade no Governo Lula, e nós somos muito gratos ao Lula. Trabalhamos para a nossa Presidente com a certeza maior de que ela não iria deixar que o trabalho social até então desenvolvido pelo nosso querido Lula não tivesse prosseguimento. E eu digo isso com muito orgulho, porque se hoje o povo cigano está aqui representado, agradeço a meus irmãos negros - digo sempre isso nas minhas falas -, aos meus irmãos índios, porque, na realidade, quando chegamos na Conferência de Direito Humanos, em 2003 ou 2004, os ciganos ainda não tinham nem sido comunicados que tinham direito a políticas públicas. Então, chegamos aqui no Rio de Janeiro e pudemos contar com a votação, quase que por unanimidade, dos nossos irmãos índios, dos nossos irmãos negros. Eu vou morrer dizendo isso. Até as propostas analisadas naquela conferência me foram ensinadas a escrever por uma irmã negra chamada Lúcia Xavier, do Grupo Criola. Uma coisa eu aprendi com o meu povo, que é o sentimento de gratidão. A isso eu sou grata aos meus irmãos negros, porque se o cigano hoje está começando a se organizar, a fazer associações, a se conscientizar de que são cidadãos brasileiros com os mesmos direitos e deveres de todo e qualquer cidadão, e que estrangeiros nesta terra eram os nossos ancestrais, eu agradeço a todo movimento negro e indígena aqui presentes. Falar que ainda hoje, em pleno século XXI, temos irmãos na escravidão, para mim que sou cigana, é motivo de profundo sentimento de vergonha e de tristeza. Eu trouxe a nossa cartilha para mostrar como o cigano pensa, o que é a liberdade do cigano. Diz o seguinte: Minha terra é o Planeta, meu teto é o universo e minha religião é a liberdade. Para o cigano, sem liberdade não tem vida. Então, gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer aos meus irmãos ciganos que tenham como exemplo o povo negro que se uniu, tenham como exemplo o povo indígena que, de várias tribos, estão aqui lutando por um bem comum, que é o direito de vocês. Que todos se unam, independentemente do clã a que pertençam, e reivindiquem seus direitos como cidadãos brasileiros que são. Estive numa reunião com a Ministra Maria do Rosário e outros Ministros que são nossos amigos em que lhes dizia que o meu maior sonho era ver - eu acho que uma lei vai demorar muito, e essa coisa é premente, é urgente - um decreto que dê à barraca do cigano o mesmo amparo constitucional que têm os nossos domicílios. Queria agradecer a V.Exa. e convidar todos vocês para a Cruzada pela Paz Mundial, que já ocorre há 14 anos no Rio de Janeiro. Nesta cruzada farei homenagem ao negro, ao índio, ao cigano e ao judeu, porque eu quero lutar e acredito na igualdade para todos. Obrigada a todos e que Deus nos abençoe³⁴. Câmara dos Deputados – (COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIAS, EVENTO: Audiência Pública N°: 0480/12 - 08/05/2012)³⁵.

³⁴ Grifo meu.

³⁵ Retirado da transcrição oficial do site da Câmara dos Deputados, <http://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/textoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0480/12&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=09:00&sgFaseSessao=&Data=8/5/2012&txApelido=DIREITOS%20HUMAN>

A indignação e controvérsia entre os Stanescon e o outro grupo religioso foi tratada como intolerância religiosa, não só por causa do desrespeito ao local sagrado, mas também a santa cigana. Mirian Stanescon é uma das representantes da CCIR e a organização da Caminha Contra Intolerância Religiosa, o que parecia ser uma novidade. A cigana se orgulha de dizer que é advogada e cartomante:

“Apenas as meninas são iniciadas na leitura de cartas e da palma das mãos, aos sete anos de idade, e precisam continuar praticando durante toda a vida para manter a vidência. Por isso Mirian diz ser doutora só de segunda a quinta: às sextas-feiras é cartomante.” (Trecho da entrevista de Miriam Stanescon³⁶).

E é em defesa dessa outra atividade de cartomancia que a cigana, sua fundação e seus representantes estão anualmente presentes na “Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa” em Copacabana no Rio de Janeiro, organizada pela “Comissão de Combate à Intolerância Religiosa” (CCIR), que já está em sua oitava edição e Mirian, sempre presente, “a favor de toda a forma de manifestação religiosa³⁷”.

Outros ciganos como Mio consideram a questão da intolerância religiosa uma bandeira de luta dos ciganos, principalmente por “afetar os ciganos do ponto de vista de práticas que lhes são tradicionalmente associadas, como a leitura de mãos e o jogo de cartas”. Mio Vacite menciona o papel importante da cartomancia ou quiromancia na doméstica de famílias ciganas, sendo injustificável a criminalização e perseguição, do que o cigano chama de “práticas culturais”, que como exemplifiquei foram enquadradas como crime e contravenção penal, justificando a sua participação na CCIR, que, segundo seus membros, “tem como objetivo lutar pelo reconhecimento positivo de práticas culturais e religiosas que ainda são tratadas de forma estigmatizante pela democrática sociedade brasileira”.

A presença desses ciganos, suas representações na esfera pública e as diferentes formas de instrumentação da religião cigana é um dos pontos em disputas entre esses mediadores. Em visita ao evento, o Padre Antônio Birder, um dos representantes da pastoral dos ciganos no Brasil, também devoto de Nossa Senhora e Santa Sara Kali, afirmou estar sempre “em peregrinação e

[OS%20E%20MINORIAS&txFaseSessao=Audiência%20Pública%20Ordinária&txTipoSessao=&dtHoraQuarto=09:00&txEtapa=](#) Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

³⁶ Idem 32.

³⁷ Fala de Miriam Stanescon – Caderno de Campo do pesquisador - Caminhada Contra Intolerância Religiosa 2017.

caminhando com as duas³⁸”. No ritual de 24 de abril de 2017 o representante recebeu as bênçãos da cigana e retribuiu o gesto com o mesmo ato. No ritual, o padre, fez a leitura da oração de SSK em português, intercalando com a cigana na direção dos presentes, reafirmando aos presentes o referencial da Igreja Católica.

Em trabalhos clássicos de religião no Brasil, autores como Ruth Landes (1947), Edison Carneiro (1948), Roger Bastide (1958), Pierre Verger (1981) e Juliana Elbein dos Santos (1986) acompanharam um processo que chamam de período de “africanização e de uma raiz étnica do candomblé da Bahia”, período do discurso de “rompimento com o sincretismo”, o que foi divulgado ao público em um manifesto em 1984. Assim, a conseqüente africanização do culto é entendida como o apagamento bem-sucedido de uma mentalidade não católica no candomblé influenciado por outras religiosidades mediúnicas (VAN DE PORT, 2012 Pág. 131). O trabalho do antropólogo Mijin Van De Port “Candomblé em rosa, verde e preto: recriando a herança religiosa afro-brasileira na esfera pública de Salvador”, na Bahia, demonstra como é graças a esse processo que o candomblé consegue participar e se fazer presente em vários níveis políticos e culturais da sociedade baiana, como o movimento gay, movimento negro e movimentos ecológicos. Compartilho com esses autores e com Talal Asad (1993, Pág. 31) ao compreender que “as declarações sobre o que constitui a ‘essência’ de uma religião são inextricavelmente ligadas a configurações específicas de poder”, nesse caso trata-se da influência da Igreja Católica em definir padrões do que é verdadeiro e tradicional, como o caso do candomblé. Assim, como vem fazendo em relação à cultura e religião cigana, não só como um dos importantes mediadores dos representantes ciganos com as representações do estado, legitimando seus símbolos, por exemplo.

Vemos um jogo *limiar* (TURNER, 2007 Pág.139) com os símbolos religiosos ciganos como a cartomancia, quiromancia, outros elementos da cultura e, agora, a SSK, que são sempre observados entre esses grupos, suas lideranças e os próprios adeptos. O sangue cigano é um elemento de pureza e de grande importância na hierarquia para os membros dos grupos religiosos como as Tzaras e os grupos de umbanda, tanto que para os grupos o aprendizado das funções culturais é utilizado na ritualística das entidades. A Cigana Sibilainem, médium, devota de SSK, afirma durante a espera para ser atendida por uma cartomante:

³⁸ Fala do Padre durante o ritual na gruta – Cadernos de Campo do pesquisador.

“a minha cigana – espiritualidade – joga cartas, mas eu ainda não sei. Vou aprender, fazer um curso para ela me usar no jogo, mas não vou fazer com qualquer um desses que dá curso não, vou fazer com uma cigana mesmo, de sangue sabe. Eles que sabem mesmo.”

Santa Sara Kali se tornou, desde 2006, o que Emerson Giumbelli chama de “a presença legitimada da religião no espaço público” em seu artigo “*A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil*” (2008). A comemoração cívica religiosa do *Dia Nacional do Cigano*, a devoção à santa padroeira do povo cigano no Brasil, todos definidos no mesmo dia, e no mesmo decreto, e legitimados pela igreja e o estado brasileiro são exemplos disso. O importante é compreender como esse jogo envolveu diferentes graus sociais e compreendê-los em ação, como cita Emerson Giumbeli:

“a questão é exatamente saber sob qual definição de religião foi possível acolhê-los no espaço público. Essa acolhida corresponde a alguma forma de reconhecimento da religião por meio de dispositivos jurídicos que implicam o aparato e o poder de Estado e que envolvem algum grau de legitimidade social. Aposto então que as relações entre Estado e religião no Brasil ficam mais inteligíveis se adotamos essa perspectiva histórica capaz de constatar as operações que produzem modos de presença” (GIUMBELLI 2008 Pág. 2).

A santa cigana vem desenvolver o que Patrícia Birman chama de “cimento social” em seu artigo “*Cruzadas Pela Paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro*” onde, em sua análise, demonstra como os símbolos religiosos ajudaram a integrar as periferias na totalidade da nação sob hegemonia católica. A igreja sempre aparece como protagonista de projetos de salvação religiosa, moral e social (2012, Pág. 210) e por isso “a linguagem religiosa, essencialmente ritual, teria como função ‘cimentar’ a sociedade, fortalecer a sua unidade e a complementaridade de suas diferentes ‘partes’ (2012, Pág 218).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, P. *Cruzadas pela Paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados a violência no Rio de Janeiro*. In religião e sociedade, Rio de Janeiro, 32(1): 209-225, 2012.

GIUMBELLI “*A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil*” 2008.

GLUCKMAN, M. *Análise de uma situação social na Zululândia moderna*. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: UNESP, 2010.

MITCHELL, J.C. *A Dança Kalela - Aspectos das relações sociais entre africanos urbanos na Rodésia do norte*. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: UNESP, 2010.

MONTEIRO, P. *Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso*. In *religião e sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012.

MOONEN, F. *Políticas Ciganas no Brasil e Na Europa – subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil*. Recife, 2012.

TURNER, V. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2007.

WRIGHT, S. *The politicization of 'culture'*, *Anthropology Today*, v . 14, n 1, p. 7 – 15, 1999.